

A CLÍNICA PSICANALÍTICA DA POLÍTICA: A PARANOIA POLÍTICA À LUZ DO QUARTO PRESSUPOSTO DE SANDLER | VALTON DE MIRANDA LEITÃO¹

RESUMO

O presente estudo está localizado numa encruzilhada teórico-prática na qual os grupos humanos são examinados a partir do funcionamento do seu inconsciente político. O inconsciente grupal da perspectiva aqui trabalhada é o dos pressupostos básicos de Bion, sempre apontando para uma tarefa politicamente determinada. A libido e o desejo sexual são secundarizados para dar lugar ao exame da luta delirante pelo Poder. O vértice de abordagem do inconsciente grupal-institucional situa os pressupostos bionianos sob o guarda-chuva do quarto pressuposto, que corresponde ao narcisismo e à alucinação. Nesse sentido, o motor paranoico da política, conforme minha concepção, é relacionado com o quarto pressuposto de Sandler, caracterizando a negatividade que está na base de qualquer processo histórico-político. Isso corresponde ao conceito marxiano de que a história decorre como processo dialético, envolvendo a presença de uma tese, imediatamente contraditada por uma antítese que dará origem a uma síntese. O movimento permanente é o mesmo que atinge qualquer grupo humano, seja psicanalítico, político-partidário ou acadêmico. O dispositivo descrito por Sandler da divisão narcísico-delirante de grupos militares e psicanalíticos, caracterizando sentimentos conscientes/inconscientes de pertencimento e exclusão, coincide com o que Carl Schmitt, em *O conceito do político*, refere como o embate permanente entre amigos e inimigos, envolvendo coletividades e nações. É, portanto, uma formulação do trabalho histórico do negativo, em contraste com a afirmação espinosana da completa positividade do fenômeno histórico-político. O *topos* ético-político positivo, conforme Gramsci, não pode ser alcançado, pois é a guerra no sentido hobbesiano, e não a paz, o que prevalece no *modus operandi* de qualquer política. Trata-se, assim, de um pessimismo antropológico-político que refuta contundentemente a proposta kantiana da paz perpétua. Creio que este trabalho dá uma contribuição para a compreensão do fenômeno histórico-político em geral e, principalmente, de suas dramáticas manifestações atuais.

Palavras-chave: Alucinação; Pressuposto básico; Grupo de pertencimento e exclusão; Paranoia; Quarto pressuposto.

ABSTRACT

The current study is situated at a theoretical-practical crossroad in which human groups are examined from the functioning of their political unconscious. The perspective of group unconscious worked on here is that of Bion's basic assumptions, always pointing to a politically determined task. Libido and sexual drive become secondary to give way to the examination of the delirious struggle for Power. The vertex approach of the group-institutional unconscious situates the bionian presuppositions under the umbrella of Paulo Cesar Sandler fourth presupposition that corresponds to narcissism and hallucinosis. In this sense, according to my conception, the paranoid motor of politics is related to Sandler's fourth assumption, characterizing the negativity that underlies any historical-political process. This corresponds to the Marxian concept that history takes place as a dialectical process, involving the presence of a thesis, immediately contradicted by an antithesis that will give rise to a synthesis. The permanent movement is the same that reaches any human group, whether it be psychoanalytic, political party, or academic. The device described by Sandler regarding the narcissistic-delirious division of military and psychoanalytic groups characterizing conscious / unconscious feelings of belonging and exclusion coincides with what Carl Schmitt refers in *The Concept of the Political* as to the permanent clash between friends and enemies, involving collectivities and nations. It is, therefore, a formulation of the historical work of the negative in contrast to the espinosian affirmation of the complete positivity of the historical-political phenomenon. According to Gramsci, the positive ethico-political *topos* cannot be achieved since, in the Hobbesian sense, it is war and not peace that prevails in the *modus operandi* of any politics. It is thus an anthropological-political pessimism that sharply refutes the Kantian proposal of perpetual peace. I believe that this work contributes to the understanding of the historical-political phenomenon in general and especially of its dramatic actual manifestations.

Key-words: Hallucinosis. Basic assumption. Group of belonging and exclusion. Paranoia. Fourth presupposition.

¹ Psicanalista didata da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR).

INTRODUÇÃO

A CLÍNICA PSICANALÍTICA DA POLÍTICA

Quando li o artigo *O quarto pressuposto*, de Paulo César Sandler, dei-me imediatamente conta de que se encaixava na minha teorização inicialmente feita no livro *A paranoia do soberano*, na qual afirmava que o delírio persecutório estava presente em todas as formas do fazer político. Minha compreensão derivava da longa experiência de militância política em partidos de esquerda e de consultorias feitas durante muitos anos em movimentos sociais, nos quais eclodiam violentas lutas intra e intergrupais.

Nessa primeira abordagem, já utilizara a noção kleiniana de posição esquizoparanoide para situar conceitualmente, na perspectiva psicanalítica do inconsciente individual e grupal, a irrupção de agressividade desmedida entre pessoas que, conscientemente, afirmavam adotar o mesmo ideário político. Naturalmente, sempre compreendi o termo política no sentido aristotélico² de convivência na pólis-cidade, organizada e regulamentada para a sociabilidade humana.

No livro publicado há mais de dez anos, tocara rapidamente nos pressupostos básicos de Bion, mas com a intenção de ressaltar simplesmente o pressuposto de luta↔fuga, equiparando-o de modo quase mecânico à posição esquizoparanoide³. Agora, com a leitura de Sandler, compreendo que tangenciei a questão, pois o seu estudo minucioso e metódico de grupos psicanalíticos e outros, mostrando o mesmo tipo de eclosão passional, levaram-me a compreender a complexidade desses embates grupais, inconscientemente motivados por verdadeiros delírios messiânicos, aliados a fantasias de soberania e poder.

2 A compreensão de Aristóteles situa a política como extensão transformada da vida natural. Isso, entretanto, será discutido neste artigo como dialética entre natureza e polis.

3 O termo esquizoparanoide está muito relacionado à psiquiatria, e creio que a ideia de alucinação e delírio colocada por Sandler é mais precisa.

Transcrevo, para dar início a essa reflexão, o seguinte trecho retirado do artigo de Sandler (2001, p. 908):

Bion observa que grupos sociais forjam-se na alucinação compartilhada; favorecem guerras contra a realidade (Bion, 1961,1965) à medida que proporcionem um lócus social para abrigar e estimular uma característica psicótica, a fantasia de superioridade vinculada a narcisismo primário (Freud), inveja primária (Klein) e congelamento na posição esquizoparanoide.

Evidentemente que também observara tanto no trecho citado acima quanto em publicação mais recente, *O inimigo necessário* (2015), que os pressupostos de Bion se intercambiavam dentro dos agrupamentos, dificultando qualquer tarefa racional do ego grupal. O trabalho de Sandler resulta, segundo sua própria afirmação, de mais de vinte e cinco anos de experiência, tanto com grupos psicanalíticos quanto com outros grupos acadêmicos no Brasil e no exterior, enquanto minhas observações, também feitas como militante em vários partidos e movimentos políticos de esquerda, se estendem, principalmente, desde o ano de 1985. No prefácio de *A paranoia do soberano* (2000), refiro-me ao primeiro artigo publicado em jornal⁴, com o título *Loucura na política*.

Inicialmente, imaginara que tais eclosões passionais e paranoicas estavam concentradas, de modo privilegiado, em partidos de esquerda, devido ao seu mais alto nível de ideologização, mas logo percebi que isso acontece em qualquer espaço no qual um agrupamento humano execute uma tarefa de natureza política. Naturalmente, isso me levou a uma compreensão da política para muito além da simples disputa de poder em qualquer nível, mas de algo mais profundo – como ambição e prestígio – que em última instância vai se associar a algum tipo de poder⁵.

A seguinte frase de Sandler interligou muitas de minhas preocupações conceituais implicitamente presentes nos textos anteriores e no atual. Diz Sandler:

4 Jornal *O Povo*. Fortaleza, 1985.

5 Essa questão aproxima a presente teorização às ideias de Foucault sobre a associação entre poder e saber.

[...] uma objeção que eu pessoalmente levantei a mim mesmo durante o tempo em que elaborava a hipótese do quarto pressuposto, foi: será que os fenômenos que a observação participante, mas não menos empírica por causa disto, possibilitada pela psicanálise, me mostrou ocorrerem, não são fenômenos suficientemente abarcados pelas teorias já existentes, de Bion ou de outro autor...? (2001 p. 915).

A metodologia utilizada por mim não obedeceu aos mesmos critérios rigorosos aos quais se refere Sandler, mas deriva da minha imersão como militante político desde os anos de 1964, quando aconteceu o golpe militar no Brasil. Os meus primeiros escritos sobre o assunto já colocavam em cena os delírios da soberania, desde o império romano, com Calígula, até a modernidade, com Stalin e Hitler⁶. No decurso do espaço-tempo entre a escritura dos livros *A paranoia do soberano* (2000) e *O inimigo necessário* (2015), percebi que era preciso ampliar o conceito de paranoia, partindo da análise do caso Schreber, feita por Freud.

A paranoia tem uma fundamental relação com a questão da lei, tanto no que diz respeito à dinâmica da castração edípica quanto a sua ligação com o Poder, que paranoico, ambivalentemente, recusa e deseja possuir e dominar. O filósofo W. Benjamin captou isso muito bem quando afirmou que existe algo de podre na lei, após ler *As memórias de Daniel Paul Schreber* – que Freud immortalizou ao examinar seu conteúdo da perspectiva psicanalítica, estudando o mais exemplar delírio paranoico registrado autobiograficamente.

O juiz Schreber tinha notável cultura, sendo leitor voraz dos clássicos, pianista e poliglota. Nasceu em Leipzig, em julho de 1842, e morreu em 1911, deixando o legado do delírio paranoico que serve de modelo para a compreensão de todas as formas de paranoia, como também, depois do estudo freudiano, suscitou a curiosidade investigativa de pensadores em todo o mundo.

Minha curiosidade sobre Schreber ultrapassa muito a formação psicanalítica, pois sempre pensei o delírio do juiz de Dresden como fundamentalmente ancorado

⁶ O delírio maniqueísta do macarthismo e do ex-presidente norte-americano G. W. Bush, depois da derrubada das torres gêmeas em 2001, foi incluído em trabalhos mais recentes.

na política e no poder, sendo instrumento para a realização da esperança de transformar o povo alemão “degenerado” num corpo social purificado.

Nesse sentido, as observações de Donald Meltzer sobre Schreber são importantes:

Isto representa então a mesma concepção limitada que impregna todas as concepções de Freud a respeito da sexualidade: complexo de castração, pesquisas sexuais infantis etc. O que pode ser decorrente de sua preconcepção de que a feminilidade é essencialmente passiva e derivada, uma noção muito em conformidade com a história do pensamento helênico, judaico e cristão (Meltzer, 1989, p. 110).

A convicção delirante de Schreber de combatente contra a corrupção do mundo estava organizada, como toda alucinação paranoica, dentro de um sistema no qual uma *Nova Ordem* seria estabelecida. Meu entendimento se fortaleceu quando li o ensaio *Massa e poder* (1995) de Elias Canetti, sobre a paranoia de Schreber, compreendendo que a ideia alucinada do juiz tinha na convicção de purificação do mundo o centro sobre o qual todos os corruptos deveriam ser banidos da face da terra.

A complexidade desse processo delirante no qual se misturam milagres de toda espécie e a restauração de uma nova ordem, substituindo a degradada, em que o judeu era a manifestação mais visível da decomposição mental, orgânica e social, é de difícil exame devido ao emaranhado do delírio apresentado tanto corporal, quanto mitológica e politicamente. A questão sexual colocada nas *Memórias* é secundária, pois é instrumento para alcançar o objetivo grandioso de geração da raça pura. O delírio de Schreber é uma doença do poder, mostrando que o inconsciente organiza-se como funcionamento político e paranoico, atingindo níveis extremos em indivíduos como Hitler, Stalin e em juízes que se apresentam como “donos da lei”.⁷

⁷ A escolha da profissão de magistrado não é simplesmente acaso, pois revela geralmente algo da personalidade paranoide do indivíduo. Talvez por essa razão Lacan tenha afirmado: todo magistrado é um impostor.

A extensão desse entendimento situa o fenômeno paranoico como importante base do processo político. As personalidades históricas de Calígula e Hitler passaram a ser utilizadas como molde no qual é possível inserir, em graus variáveis de intensidade, movimentos como o macarthismo, o stalinismo e os do Padre Cícero e Antônio Conselheiro, no Nordeste do Brasil, ao final do século XIX. O grau de aproximação ao delírio paranoico é o que comprometerá ou não a operacionalização da tarefa política ao vértice construtivo ou destrutivo, ao socialismo ou ao narcisismo. O líder *führer* revela a projeção no apogeu do “narcisismo de pequena diferença”.⁸

A introdução dessa visão de mundo para compreender o funcionamento político na sua dimensão mais geral é a conexão que faltava, penso eu, para tornar essa reflexão mais sistemática. A dimensão espectral do conflito paranoico presente nas contendas grupais caminha *pari passu* com os elementos objetivos, teóricos e práticos veiculados em qualquer tipo de agrupamento político.

Isso, entretanto, não explicava como a máquina do narcisismo de diferença funcionava, pois o conceito schmittiano⁹ desse funcionamento baseado na relação amigo-inimigo parece insuficiente, embora necessário. É nesse sentido que o quarto pressuposto de Sandler vem preencher uma lacuna que pretendo estudar de modo mais pormenorizado adiante.

No sentido ampliado do exame da política, estabeleço alguns pontos principais: a) o fenômeno que combina o desenvolvimento histórico do poder ou soberania dinamizado pelas contradições de classes¹⁰; b) a sociocultura desse sistema é de natureza narcísico-paranoica, sendo os grupos sempre contaminados pelos

8 O nazismo além das questões econômicas e de classe tinha a pretensão de que o povo alemão purificado faria a diferença capaz de reconstruir a história humana debaixo de uma ordem eugênica de prosperidade e paz.

9 O jurista e teórico alemão Carl Schmitt afirma que o critério básico para compreender a política é o embate permanente de grupos inimigos.

10 O conceito marxiano de luta entre classes é colocado aqui porque pretendo a ampliação dessa teorização para todas as coletividades, e também porque a guerra é tomada como fenômeno universal, como se verá adiante.

afetos produzidos no interior dessas relações que contêm os pressupostos básicos inconscientes, cuja atividade será examinada em seguida; c) tal como a política, o sistema jurídico, na sua forma constitucional e na normatividade do direito, é igualmente perpassado por motivações paranoicas e submetido ao mesmo dinamismo funcional já assinalado.

Desse modo, creio que é possível afirmar que em qualquer nível político-institucional (acadêmico, psicanalítico, partidário etc.) os ingredientes relacionados ao fenômeno do poder, à normatividade constitucional e aos componentes afetivos da mentalidade grupal estão sempre presentes, como no estudo de Sandler e no meu, *A paranoia do soberano*. O presente estudo é acrescido de novos ingredientes, resultantes de acontecimentos na política mundial e brasileira que confirmam e atualizam as questões postas anteriormente.

É cada vez mais visível que a relação entre a forma comunicativa e o conteúdo ideacional (direita, esquerda, movimento camponês e movimento de mulheres) não se altera senão quanto aos afetos que se entrecrocavam no interior do coletivo, podendo o narcisismo de morte alcançar o apogeu. É inegável que os sentimentos de ódio que dividem várias socioculturas em todo o mundo alcancem níveis de violência jamais vistos, como aconteceu recentemente na eleição norte-americana¹¹.

Assim, a relação dialética entre paz e guerra fica notavelmente evidenciada, compreendendo-se que praticamente não há como separá-las, na medida em que o combate não é travado sempre com o fuzil e o canhão, mas com a artilharia leve ou pesada da comunicação midiática¹². A inversão proposta por alguns atores políticos de se colocar contra a política é realmente um componente importante de um modo grotesco e paranoico do fazer político atual. Ao demonizar a política

11 É impressionante verificar como um indivíduo politicamente tosco, falando uma linguagem xenófoba e preconceituosa, preconizando medidas racistas pôde alcançar a presidência do país mais poderoso economicamente e militarmente do planeta.

12 Isso foi claramente demonstrado na campanha política norte-americana que elegeu Donald Trump, pois combatendo a mídia, na verdade, a exaltava, apresentando-se como ator, na contramão da política.

e os políticos convencionais, incrementa-se o moralismo purificador da paranoia. É como se, ao combater o que é considerado a má política, a despolitização propusesse uma maldade ainda maior, enfrentando o fogo com o incêndio.

Há, neste ponto, uma questão central, que é a passagem, em qualquer grupo, do sentimento de pertencimento à fantasia de estar de fora, ou seja, do não pertencimento; isso envolve grandes grupos nacionais e grupos institucionais, marcando a presença tanto do narcisismo da pequena diferença quanto da alucinação que mobiliza a hostilidade intra e intergrupala. Os muros de qualquer tipo em Berlim, em Jerusalém ou separando os EUA do México são, na sua concretude, a expressão factual desse processo.

Os pressupostos inconscientes que resultam da reversão da linguagem comunicativa ao ato passional estão se tornando prática comum em todos os níveis da sociocultura contemporânea. Eis aqui a questão que pretendo desenvolver mais adiante, quando tratar da concepção de Bion sobre os grupos, da dinâmica dos vínculos, propiciando ou dificultando a tarefa, e dos processos de falsificação, mentira e verdade na vida política. Nessa perspectiva, a exceção está contida na regra, sendo factível que, dialeticamente, uma situação possa se transformar na outra.

No interior desse sistema, está incluída a fórmula paranoica proposta por Carl Schmitt, qual seja, o Estado de Exceção. As constituições de todo mundo, inclusive a da Organização das Nações Unidas (ONU), estão dando razão ao pensamento schmittiano, pois a exceção está se tornando regra. Tal inversão é acompanhada, atualmente, por intenso ódio de classe, não sendo os agrupamentos institucionalizados nas várias esferas da sociedade civil infensos ao processo de múltiplas contradições que estamos expondo.

A tese habermasiana da ação comunicativa – capaz de incrementar a comunicação democrática entre grupos e povos – cai por terra sob o golpe da realidade do antipensamento e da anticrítica que o sistema plutocrático impõe ao mundo, em todos os interstícios em que qualquer forma de poder possa brotar.

DESENVOLVIMENTO

O PODER ALUCINADO

O quarto pressuposto, juntamente com os desenvolvimentos teóricos sobre a forma paranoica processual da política, é a tese central deste artigo. Quando Bion desenvolveu a concepção dos pressupostos básicos de luta↔fuga, acasalamento e dependência, teorizava a clínica da dinâmica de grupos. Cada pressuposto corresponde a uma angústia ou dor mental que se manifesta quando o grupo se movimenta emocionalmente; mas, enquanto um pressuposto está ativo, os demais permanecem latentes. A tarefa coletiva é cumprida sob a influência do pressuposto ativo naquele momento. O quarto pressuposto, então, viria a preencher a lacuna como potencial psicótico-delirante, espectral-fantasmático¹³.

A conexão dessa compreensão derivada da clínica dos grupos psicanalíticos pode perfeitamente ajustar-se à teorização mais ampla, envolvendo coletividades como países e nações. Há um ingrediente na dinâmica grupal que vem de Hobbes, ao afirmar que a vida política se movimenta tendo como elementos catalisadores o medo e o terror¹⁴.

O modelo terrorista é, certamente, o mais evidente para mostrar esse funcionamento. O terrorismo norte-americano habitualmente pouco visível – porque encoberto pelo sistema midiático comunicacional – é tão grave quanto aquele do Estado Islâmico, como diz Chomsky:

Em 14 de outubro de 2014, o principal artigo do *New York Times* apresentava um estudo efetuado pela CIA, no qual eram analisadas grandes operações terroristas conduzidas pela Casa Branca, num esforço para determinar

13 Utilizei, na *A paranoia do soberano*, o modelo do vulcão, que inativo há muitos anos pode, a qualquer momento, entrar em erupção.

14 Hobbes procurou na geometria euclidiana a base para seu conceito de política na dialética medo-terror. O terror não é necessariamente ação terrorista, mas um estado de caos decorrente da ausência unificadora do “Soberano”.

os fatores por detrás do seu sucesso ou fracasso, com a conclusão acima referida. O artigo citava depois o presidente Obama como tendo dito que pedira à CIA que procedesse a essa investigação para encontrar casos de 'financiamento e fornecimento de armas a uma revolta num dado país que acabou por ser bem-sucedida. E pouco conseguiram descobrir'. Pelo que, de facto¹⁵, se mostrou algo relutante em prosseguir com esses esforços. Não houve gritos de protesto, não houve manifestações de indignação, nada. A conclusão parece bastante clara. Na cultura política ocidental, é tido como perfeitamente natural e adequado que o Líder do Mundo Livre seja um Estado terrorista e que anuncie abertamente a sua superioridade nesses crimes (Chomsky, 2016, pp. 240-241).

Minha pretensão é mostrar que é possível aplicar aos elementos de psicanálise de Bion o outro que extraio de Hobbes, acoplando-o ao quarto pressuposto de Sandler. Assim, se todo coletivo potencialmente delira e alucina no embate entre os de fora e os de dentro, é necessário acrescentar que isso se dá na vigência do medo e da aterrorização. Dessa maneira, o quarto pressuposto não seria tão somente perpassado por sentimentos paranoicos de pertencimento e não pertencimento, mas incluiria o conjunto dos elementos medo e terror. Isso alcançaria o apogeu na guerra de fato, e não simplesmente simbólica.

Existe uma violência simbólica inscrita na sociocultura que disfarça e encobre as mais diversas formas de crueldade. Isso se liga muito claramente ao *modus operandi* do sistema midiático, que altera a relação entre sintaxe, semântica e pragmática que funciona na Linguística. Essa forma de terrorismo atinge milhões de pessoas através da internet, ameaçando o processo civilizatório. O recente livro de Yuval Harari, *Homo Deus - Uma breve história do amanhã*, mostra contundentemente como a internet, a automação e o desenvolvimento da inteligência artificial ameaçam a vida civilizada no planeta. O autor afirma que a ameaça vem da plutocracia comunicacional instalada no Facebook, no WhatsApp e no Google, construindo uma cultura do não-saber e do embrutecimento emocional. Harari é um historiador que não examina a estrutura do processo histórico, portanto sua obra não é analítica.

15 Facto – tradução portuguesa de Portugal.

Tal inversão terrorífica, na qual a comunicação dirigida e o direito apropriado pela cultura massificada do consumo caminham na contramão do processo civilizatório, é a negação do direito do homem. Cientistas notáveis como Stephen Hawking aplaudiram o bem documentado livro de Harari.

O binômio medo-terror que desejo juntar ao quarto pressuposto não deve ser confundido com terrorismo, pois isso implica em planejamento e deliberação de aterrorizar. Na perspectiva aqui pensada, trata-se de uma penumbra delirante¹⁶ que atinge qualquer grupo ou coletividade quando esta se divide, como no maniqueísmo ou no gnosticismo religioso.

O mundo vive, atualmente, sob múltiplas ameaças manifestas ou disfarçadas, físicas ou mentais, individuais e coletivas, simbólicas ou diretas, como os traumas cotidianos nas grandes cidades. Além disso, existe a ameaça da apropriação do saber e do conhecimento pelas plutocracias empresariais, deixando a humanidade a mercê da sanha lucrativa do chamado “mercado livre”. Nesse sentido, a engenharia biológica, a cibernética e a robótica, tanto quanto a informática massificada, são instrumentos com poder destrutivo igual ao de uma bomba atômica.

Creio que o modelo delirante do presidente Schreber unifica e sintetiza os vários conceitos aqui enunciados, pois seu conteúdo apresenta tanto os aspectos objetivos e delirantes do Poder quanto os subjetivos da sexualidade e do narcisismo. Assim, Schreber é o centro capaz de combinar Hobbes, Carl Schmitt, Marx, Freud e Bion. O delírio de Schreber contém, igualmente, o terror do fim do mundo, pois tal disposição alucinada era o fundamento necessário para que uma nova ordem purificada pudesse surgir. Nessas circunstâncias, as múltiplas faces do terror podem ser aproximadas às diversas formas de paranoia individuais e coletivas, portanto é dentro desse ambiente esquizoide e paranoide onde prospera o delírio político, a alucinação das religiões e o crescente narcisismo sociocultural. Nessa perspectiva, Schreber é modelar, pelas múltiplas combinações delirantes que possibilita. Não me refiro exclusivamente ao extraordinário artigo de Freud, mas

¹⁶ O espectro delirante recobre todo pressuposto de angústia grupal inconsciente em atividade. Isso significa que a tarefa também se encontra debaixo desse guarda-chuva.

igualmente aos múltiplos vértices de leituras feitas sobre o tema das *Memórias de um doente dos nervos*. Dessa forma, tanto a leitura de Canetti quanto a de Meltzer caminham no mesmo rumo da que apresento neste texto.

Meltzer critica alguns pontos da leitura freudiana de Schreber, destacando a insistência na emasculação e na dificuldade para separar, naquele momento, feminilidade de homossexualidade. Dessa maneira, diz a propósito dos delírios:

A cosmologia e anatomia de Schreber assemelham-se, em muitos aspectos, às de Platão tal como descritas no *Timeu*, em que a congruência entre o homem e Deus¹⁷ é descrita em detalhes. [...] as relações de Schreber com Deus e com o sol podem ser consideradas não como uma elaboração enfadonha da relação de uma criança com o pai, mas como uma descrição verdadeiramente fascinante (desfigurada por intensa ambivalência) de uma fantasia inconsciente, elaborada com muitas cisões, sua variedade de qualidades e atributos e sua diversidade de funções, que subjaz à concepção simplista consciente (Meltzer, 1989, p. 11).

O mundo interno de Schreber está dominado pelas fantasias de luta contra o Poder, não para destruí-lo, mas para construir uma nova ordem soberana. A sua destruição e catástrofe interna estavam sempre sendo correlacionadas à fundação de um novo regime purificado, no qual a língua-base seria o alemão primitivo¹⁸.

O terror schreberiano, como todo terrorismo político, é profundamente infiltrado pela dinâmica religiosa. Não é por acaso que Carl Schmitt aproxima, em quase todos os seus textos, teologia e política, mostrando que as manifestações jurídicas e políticas laicas são profundamente marcadas por rituais e expressões religiosas.

Os grupos políticos de médicos, juristas e/ou psicanalistas não diferem, em suas linhas essenciais inconscientes, quanto aos embates que vivenciam como

17 O livro de Yuval Harari, *Homo Deus*, no qual está presente uma nova teocracia baseada na idealização da ciência, é bastante oportuno.

18 O judaísmo afirma que a língua básica é o hebreu, enquanto o islamismo diz que é o árabe, e para a ciência linguística de Chomsky é a gramática generativa.

transformações em alucino¹⁹. O processo nesses microcosmos é o mesmo que na vida política em geral, colocando sempre a relação esquizoparanoide entre amigo e inimigo ao lado do narcisismo da pequena diferença.

O combate entre os grupos vai do panfleto à monografia e da tese acadêmica até as propostas conceituais do tipo Fim da História de Fukuyama. Sandler diz que essas dissensões grupais colocam em confronto um grupo que se sente pertencente à teoria institucionalmente mais correta, enquanto os de fora afirmam sua posição de vanguarda “mais verdadeira”. É exatamente esse movimento o qual denominei de paranoia grupal que podemos encontrar em todos os níveis da atividade política, cujo decurso pode ser observado em qualquer contenda sociopolítica.

A história humana, desde os seus registros mais conhecidos na Antiguidade por Heródoto e Tucídides, é preche de combates doutrinários, seja na esfera religiosa ou política, mas também no interior das instituições de qualquer natureza. A fúria com que os indivíduos se atacam na intimidade do sistema institucional é equivalente a qualquer guerra no âmbito da política mundial. Nesse sentido, é preciso compreender que a guerra travada intramuros tem a mesma qualidade destruidora que aquelas registradas pela história dos combates entre nações, com a diferença de que os mortos e feridos não estão necessariamente nos cemitérios.

Não está no escopo deste trabalho examinar fatos históricos comprobatórios, portanto vou observar, inicialmente, que o movimento psicanalítico registra muitos combates desde seus primórdios. Alguns desses choques narcísico-doutrinários terminaram em armistícios, como no caso de alguns países divididos ao meio e que nunca, na verdade, conseguem retornar completamente à unidade original, e outros em ruptura definitiva, que, em muitos casos, não comportam sequer o diálogo civilizado.

19 Conceção de Bion que a descreveu como um estado psíquico presente na parte psicótica da personalidade e que consiste em um tipo de transformação resultante de excessivas identificações projetivas que distorcem a percepção da realidade. Não deve ser confundida com o conceito clássico de alucinação, tal como ensina a psiquiatria, embora eventualmente, quando num grau excessivo, a alucino^{se} pode atingir um estado de alucinação (Zimerman, 2001, p. 26).

O território doutrinal passa a fazer parte do mundo interno grupal, e qualquer ataque real ou suposto à ideia-força doutrinária é imediatamente combatido pela ortodoxia. Isso aproxima a “doutrina científica” da “doutrina religiosa”, pois para o pensamento dos crentes, a realidade profética que funda determinada religião é a verdade absoluta. O sagrado não sofre a ação do tempo, portanto, rigorosamente falando, a historicidade não passa de uma ilusão profana. Dessa forma, profanar o conceito de libido que Freud estabeleceu e dizer que nos entrecosques humanos os vínculos de ligação e desligamento de amor, ódio e conhecimento nem sempre estão baseados no desejo sexual é a própria heresia doutrinária.

Trata-se de apenas um exemplo da utilização de uma ideia-força como alibi para deflagrar uma guerra, na qual o pressuposto de luta↔fuga é imediatamente acionado, assim como escreve Sandler:

As cisões de sociedades psicanalíticas parecem-me alucinações de pertinência e exclusão {‘A’ e ‘Fora de A’}. Processos judiciais ocorreram, no terror ligado à desconfiança com a psicanálise. Atestamo-nos incompetentes para nosso próprio ofício ao imaginar que advogados, administradores, leis e regras, poderiam resolver turbulências emocionais do convívio humano. {‘A’ e ‘Fora de A’} dá morada à mania, inveja e rivalidade; é um locus social sedutor a quem substitui análise ou ré-análise por *acting-out* institucional. Dentro das sociedades de psicanálise, organizam-se grupos em torno de lutas fraticidas. Os de ‘Fora de A’, alucinando estarem excluídos, sentem-se bloqueados em suas aspirações societárias e fazem movimentos para transformarem aqueles que eram os ‘A’, os que alucinam serem pertinentes, em novos ‘Fora de A’. Mais cedo ou mais tarde têm sucesso e muitos dos novos ‘Fora de A’, antigos ‘A’, assumem as novas funções com certa disposição. {‘A’ – ‘Fora de A’} é inconsciente; as pessoas que compõem o quarto pressuposto são emergentes grupais inconscientes (Sandler, 2001, p. 910).

É impressionante como essa descrição se ajusta aos acontecimentos que, dentro dos partidos e organizações políticas, opõem grupos em dissidência. Nas consultorias que costumava fazer, dizia aos grupos dissidentes que, ao invés de estarem tratando a questão politicamente, se deixavam levar pela passionalidade paranoica, inveja e disputas narcísicas de liderança. As divisões do grupo culminavam com troca

de acusações de esquerdismo infantil e sectarismo para um lado ou de exagerada convivência institucional para outro, sendo frequentes as desconfianças sobre espionagem interna e externa²⁰.

Quando li e reli o trabalho de Paulo César Sandler, percebi claras afinidades quanto à dinâmica dos grupos que estudara, mas também grandes diferenças em relação às minhas próprias experiências com movimentos e organizações políticas clandestinas, semiclandestinas ou legais, principalmente no que diz respeito a acusações diretas de sabotagem do trabalho e espionagem. Os grupos estudados por Sandler são, conforme a conceituação de Freud, artificiais, enquanto aqueles trabalhados por mim ficam na fronteira constituída pela exigência da formação de um grupo-tarefa para executar ações políticas em consonância com princípios doutrinários. Serão a igreja, o exército ou um grupo de psicanalistas pressionados pela mesma intensidade de pressupostos básicos afetivo-emocionais que um movimento ou partido político?

A história mundial mostra que certas características comuns se encontram em todos os tipos de agrupamentos. Há, por exemplo, em alguns grupos psicanalíticos, como em certas coletividades da política social, um fundamentalismo muito semelhante ao religioso, mas o grupo artificial não tem, aparentemente, a mesma contundência conspirativa paranoica que pode emergir como erupção vulcânica nestes últimos.

O grupo artificial da Aeronáutica estudado por Sandler limita-se a uma divisão entre militares de carreira ortodoxos, milicos na linguagem corrente, e os quase paisanos do setor de saúde e serviço social, considerados com certo desprezo pelos primeiros. Isso, entretanto, não costuma levar a violentas batalhas verbais, dissensões e rupturas, embora no movimento psicanalítico os rompimentos tenham sido historicamente frequentes e sempre baseados numa “nova concepção doutrinária”, supostamente mais avançada teórica e clinicamente²¹.

20 Durante a ditadura militar, quando militava no Partido Comunista Brasileiro (PCB), um companheiro foi denunciado como sendo agente infiltrado do Serviço Nacional de Informações (SNI).

21 Não conheço, entretanto, nenhum grupo psicanalítico que tenha feito a outro traição, espionagem com o objetivo precípuo de destruir o inimigo.

O modelo exemplar de uma conspiração política com todos os ingredientes que vão dos pressupostos básicos até o quarto pressuposto é, provavelmente, a peça de Shakespeare, *Henrique VIII*, baseada num acontecimento histórico real. Vou relatar sucintamente os fatos históricos que caracterizaram a trajetória pessoal e política de Henrique VIII, da dinastia Tudor, rei da Inglaterra de 1509 até sua morte, em 1547²².

O rei era muito popular na Inglaterra, obeso mórbido e extremamente ambicioso. Shakespeare exprime – com o seu gênio para compreender a personalidade humana, a política e o poder – toda dimensão grandiosa dessa história, que não se resume ao simples fato do tumultuoso casamento com Ana Bolena e da fundação da Igreja Anglicana. O miolo dessa peça é a conspiração política, a paranoia, a crueldade e a morte, maravilhosamente transmitidas pelo coxo de Stratford. A história real afirma que Henrique VIII mandou decapitar dezenas de pessoas, entre as quais cinco das suas seis mulheres, pois somente Catarina de Aragão, sua primeira esposa, filha do grande Felipe da Espanha ficou viva²³.

O terror, portanto, é parte integrante da história ocidental, e não tem sentido reduzi-lo ao terrorismo islâmico. A crueldade tem muitas faces, e, parafraseando McDougall, as múltiplas faces de Tânatos constituem o combustível que alimenta todas as formas do fazer político. Os regulamentos de qualquer organização, tanto quanto a norma constitucional de um país, são incapazes de manter permanentemente um estado de pacificidade, pois a exceção da guerra já está presente na própria norma geral que aponta para a paz.

O exército e a igreja são grupos artificiais que obedecem ao Comandante em Chefe, ao Papa, à Bíblia ou ao Alcorão, mas a alucinose do Poder, dentro do sistema grupal, é um vulcão sempre prestes a entrar em erupção. As formas e o conteúdo dessas batalhas intestinas não são menos destrutivas pelo fato de não

22 É necessário lembrar que todos os reis, sultões e tzares eram considerados ungidos por Deus, portanto recebiam iluminação divina. Os reis absolutos com essas características só desapareceriam depois da Renascença e do Iluminismo.

23 Todos os atos de Henrique VIII foram sancionados por um Tribunal; os réus foram julgados e condenados com a devida sanção eclesiástica.

utilizarem facas, fuzis ou bombas. A paz, o altruísmo, o compartilhamento e o amor pelo outro, contidos nas múltiplas faces de Eros, são muito fracos diante da gigantesca força de Tânatos.

CONCLUSÃO

Para Aristóteles, o homem é um animal político (*zoon politikon*), por conseguinte, a polis existe por natureza, é um fenômeno natural. Para Hobbes, ao contrário, o estado de natureza não é caracterizado pela sociabilidade, mas por seu contrário, a guerra de todos contra todos.

Carlo Ginzburg

É necessário, de antemão, afirmar que esta reflexão não compartilha com os sociólogos do darwinismo social – herdeiros de C. Darwin e H. Spencer – de que a agressividade humana é um fenômeno que possibilita a sobrevivência do mais apto. Além disso, essas noções têm servido de base ao racismo e à xenofobia, que considera a cultura branca cognitiva e moralmente superior. Meu objetivo é, antes, mostrar que o sistema pulsional humano coloca a cultura no impasse entre a natureza biológica e os complexos fenômenos da sublimação individual e coletiva em constante transformação. Portanto, é dentro dos marcos do inconsciente individual e grupal que este trabalho transita. Também é necessário assinalar que os conceitos hobbesianos de guerra e terror não devem ser tomados no sentido consciente e literal, mas como processos produzidos nos entrecosques coletivos sob a forma de delírio na cultura narcísica.

O presente estudo está localizado numa encruzilhada teórico-prática na qual os grupos humanos são examinados a partir do funcionamento do seu inconsciente político. O inconsciente grupal, na perspectiva aqui trabalhada, é o dos pressupostos básicos de Bion, sempre apontando para uma tarefa politicamente determinada. A libido e o desejo sexual são secundarizados para dar lugar ao exame da luta delirante pelo Poder.

O vértice de abordagem do inconsciente grupal-institucional coloca os pressupostos bionianos sob o guarda-chuva do quarto pressuposto, que corresponde ao narcisismo e à alucinação. Nesse sentido, o motor paranoico da política, conforme minha concepção, é relacionado com o quarto pressuposto de Sandler, caracterizando a negatividade que está na base de qualquer processo histórico-político. Isso corresponde ao conceito marxiano de que a história decorre como processo dialético, envolvendo a presença de uma tese, imediatamente contraditada por uma antítese que dará origem a uma síntese. O movimento permanente é o mesmo que atinge qualquer grupo humano, seja psicanalítico, político partidário ou acadêmico.

O dispositivo descrito por Sandler da divisão narcísico-delirante de grupos militares e psicanalíticos, caracterizando sentimentos conscientes/inconscientes de pertencimento e exclusão, coincide com o que Carl Schmitt – em *O conceito do político* – refere como o embate permanente entre amigos e inimigos envolvendo coletividades e nações. É, portanto, uma formulação do trabalho histórico do negativo, em contraste com a afirmação espinosana da completa positividade do fenômeno histórico-político. O *topos* ético-político positivo, conforme Gramsci, não pode ser alcançado, pois é a guerra no sentido hobbesiano, e não a paz, o que prevalece no *modus operandi* de qualquer política. Trata-se, assim, de um pessimismo antropológico-político que refuta contundentemente a proposta kantiana da paz perpétua.

Creio que este trabalho dá uma contribuição para a compreensão do fenômeno histórico-político em geral, e principalmente de suas dramáticas manifestações atuais.

A difícil integração do indivíduo humano na família e na sociedade é parte fundamental do saber da clínica psicanalítica. O Eu inflacionado dos indivíduos na cultura narcísica atual intensifica seu desajustamento grupal. Nessas condições, todos os elementos dessa complexa geometria consciente/inconsciente catalisam as diversas formas de divisão que ocorrem nos grupos e coletividades.

O processo delirante subjacente às divisões entre países e/ou grupos institucionais de qualquer espécie é o terror político de matiz variado que a luta pelo poder e a magia do ouro incrementam na alquimia do medo do não Ser.

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2010). *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. (2ª ed.). (H. Burigo, trad.). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Binswanger, H. C. (2011). *Dinheiro e magia: uma crítica da economia moderna à luz do Fausto de Goethe*. (M. L. X. A. Borges e V. Mazzari, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Bion, W. (1994). *Estudos psicanalíticos revisados (secondthoughts)*. (W. M. M. Dantas, trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. (1973). *Atenção e interpretação: uma aproximação científica à compreensão interna na psicanálise e nos grupos*. (C. H. P. Affonso, trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Bobbio N., Matteucci, N., & Pasquino, G. (1986). *Dicionário de política*. (2ª ed.). (J. F., C. C. Variale et al. trad.). Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Bottomore, T. (Ed.) (1988). *Dicionário do pensamento marxista*. (2ª edição). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Canetti, E. (1995). *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Chomsky, N. (2016). *Quem governa o mundo?* Lisboa: Editorial Presença.
- Chuster, A. et al. (1999). *W. R. Bion – Novas leituras: dos modelos científicos aos princípios éticos-estéticos*. (Vol. 1). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Comparato, F. K. (2012). Para entender o mundo que vivemos. *Revista Brasileira de Psicanálise*. (Vol. 46, n. 1, pp. 118-132). São Paulo.
- Coutinho, C. N. (1994). *Marxismo e política: a dualidade de poderes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez.
- Cromberg, R. U. (2001). *Cena incestuosa: abuso e violência sexual*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (1976). O estranho. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 17, pp. 273-314). (J. O. A. Abreu, trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (2000). *Paranoia: clínica psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (1972). O caso de Schreber. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 12, pp. 15-105). (J. O. A. Abreu, trad.). Rio de Janeiro: Imago.

- Ginzburg, C. (2014). *Medo, reverência, terror: quatro ensaios de iconografia política*. (1ª ed.). (F. Carotti, J. A. d'Avila Melo, & J. C. Guimarães, trad.) São Paulo: Companhia das Letras.
- Leitão, V. M. (2009). *A aura enfeitada: o fetiche como espetáculo*. São Paulo: Annablume.
- Leitão, V. M. (2000). *A paranoia do soberano: uma incursão na alma da política*. Petrópolis: Vozes.
- Leitão, V. M. (1989). *O inimigo necessário: a paranoia em Carl Schmitt*. (Prefácio de Paulo César Sandler). São Paulo: Intermeios.
- Luckács, G. (1974). *História e consciência de classe: estudos de dialética marxista*. (T. Costa, trad.). Porto: Publicações Escorpião.
- Meltzer, D. (1989). *O desenvolvimento kleiniano*. (C. Bacchi). (Revisão técnica de Luiz Meyer). São Paulo: Editora Escuta.
- Konder, L., Cerqueira Filho, G., & Lima Figueiredo, E. (Orgs.). (1983). *Porque Marx?* Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Sandler, P. C. (1999). Um desenvolvimento e aplicação clínica do instrumento de Bion: o grid. *Revista Brasileira de Psicanálise*. (Vol. 33, n. 1, pp. 13-38).
- Sandler, P. C. (2000). *A apreensão da realidade psíquica: as origens da psicanálise na obra de Kant*. Rio de Janeiro: Imago.
- Sandler, P. C. (2001). O quarto pressuposto. *Revista Brasileira de Psicanálise*. (Vol. 35, n. 4, pp. 907-934).
- Schmitt, C. (1992). *O conceito do político*. (A. L. M. Valls, trad.). Petrópolis: Vozes.
- Segal, H. (1998). *Psicanálise, literatura e guerra: artigos 1972-1995*. (E. B. Neves, F. V. V. Vonk, M. M. A. Pinheiro, trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Sorel, G. (1993). *Reflexões sobre a violência*. (O. Reis, trad.). Petrópolis: Vozes.
- Steiner, J. (2012). Olhar, dominação e humilhação no caso Schreber. In: Perelberg, R. J. et al. *Freud: uma leitura atual*. (pp. 185-200). (M. A. V. Veronese, trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Weber, M. (1989). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. (7ª ed.). (M. I. Q. F. Szmrecsányi e T. J. M. F. Szmrecsányi, trad.) 7. ed. São Paulo: Pioneira.
- Zimmerman, D. (2001). *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.